



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS SOLTERMANN

HISTÓRIA DO BOXE COMO ESPORTE MODERNO

A large, abstract graphic at the bottom of the page, consisting of a light blue background with white lines forming a complex, overlapping geometric pattern of triangles and polygons.

Rio Claro
2009

LUCAS SOLTERMANN

HISTÓRIA DO BOXE COMO ESPORTE MODERNO

ORIENTADOR: PROF. DR. CARLOS JOSÉ MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro

2009

796 Soltermann, Lucas
S591h História do boxe como esporte moderno / Lucas
Soltermann. - Rio Claro : [s.n.], 2009
40 f. : il., figs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências .

Orientador: Carlos José Martins

1. Educação física. 2. Pancrácio. 3. Pugilato. 4. Pugilismo. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais
Omar Edgardo Soltermann e Beatriz M. Rodriguez Soltermann
e à minha irmã Jimena Soltermann.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo apoio e por acreditarem em mim em todos os momentos da minha vida e em todas as dificuldades. Muito Obrigado.

Aos meus professores, Marcos, Leonardo, Breno e Letícia Macedo, por tudo que me ensinaram e continuam me ensinando, mas principalmente por me conduzirem ao caminho para a descoberta do que é o boxe. Muito obrigado, família Macedo!

À Associação dos Moradores do Jardim Guanabara, em especial à Edson Locatelli e aos alunos do projeto de boxe, por me permitirem fazer parte de uma causa, história e luta em comum.

Ao meu orientador, professor Carlos Martins, pela paciência, tolerância e dedicação ao me orientar neste trabalho.

Aos boxeadores Breno, Léo, Sandro, Padote, Caporal, Jardel Sampaio, Cristiano XV, Bahia, Papon, Bel, Kid Caíque, Jonatan Conceição e Jéferson Alemão. Muito obrigado pela amizade, socos e risadas.

À todos os professores e funcionários da UNESP.

Aos meus companheiros de república: Kiki, Michel, Guloso, Saci, Franz, Dú, Renan, Milona, Marli, Nuno, Bob, Brack, Nina e Tobias.

À Natalia, por todos os momentos bons e por me acompanhar em todas as dificuldades.

À Narcóticos Anônimos, em especial ao grupo Viver Limpo de Rio Claro, por simplesmente me abraçar.

INDICE		Página
1. INTRODUÇÃO		05
2. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS PRÉ-MODERNAS		07
3. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS ESPORTES MODERNOS		10
4. MOMENTOS HISTÓRICOS E O DESENVOLVIMENTO DAS PRIMEIRAS REGRAS DO BOXE		15
4.1 A Era dos punhos limpos		15
4.1.1 As Regras de Broughton		17
4.1.2 As Regras de London Prize Ring		18
4.2 A Era do Boxe com Luvas: as regras de Queensberry		20
5. O INICIO DO BOXE EM CUBA E TRANSFORMAÇÕES NO ESPORTE APÓS A REVOLUÇÃO		23
6. REGRAS ATUAIS E PERSPECTIVAS: AMADORISMO E PROFISSIONALISMO		28
6.1 Boxe amador: masculino adulto		29
6.1.1 Boxe amador feminino adulto		30
6.1.2 Boxe Juvenil, Cadete e Infantil		31
6.2 Boxe profissional: masculino		33
6.2.1 Boxe profissional feminino		34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS		36
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		39

1. INTRODUÇÃO

Freqüentemente determinadas práticas corporais modernas são associadas a outras formas de manifestações corporais de outras épocas, culturas e civilizações. Na maioria destes casos observa-se apenas aparentes semelhanças quanto aos gestos. Deste modo, se é induzido a avaliar de forma equivocada dizendo-se *a priori* que são a mesma coisa. No entanto, procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho como se pode dar um tratamento mais adequado para estas questões.

Normalmente é dentro de uma concepção generalizante e continuista que relaciona-se equivocadamente a origem de determinadas práticas corporais modernas como o boxe com manifestações corporais pré-modernas como o pancrácio e o pugilato antigos, colocando estas em uma genealogia de longa duração como ancestrais mais ou menos diretos de esportes modernos. Deste modo, perde-se o foco distintivo do contexto da rede de relações na qual estão inseridas e pelas quais são constituídas. Tal é o caso do pugilismo que aqui será abordado.

Por sua vez, o desenvolvimento do boxe assim como muitos outros tipos de esportes modernos, hoje praticados em todo o mundo, acontece no processo de emergência da sociedade moderna com significativa expansão em seu período industrial, tornando-se de forma gradual uma prática regulamentada e padronizada, em um período histórico cujas condições e os fatos sociais merecem considerações exclusivas, pois se caracterizam por uma autonomização e especialização crescentes da esfera esportiva com relação às demais esferas sociais, bem como pela busca de igualdade formal entre os competidores.

A respeito de uma prática corporal - tão peculiar como o boxe - adquirir uma dimensão mundial, pode-se interrogar se é um passatempo que evidentemente satisfaz necessidades específicas de lazer que se fazem sentir

em vários países no período do processo de modernização na Europa ocidental.

Considerando a teoria do processo civilizador de Norbert Elias aplicada ao fenômeno esportivo como norteadora deste trabalho e tendo em vista que segundo Gebara (2000, p. 35) ainda é um processo em elaboração e necessariamente não planejado e imprevisível, em especial no que diz respeito às alterações de longo prazo que tem ocorrido nas figurações humanas, trata-se sobretudo de destacar nesta abordagem o processo de “esportivização” do boxe, o qual ainda se encontra em curso.

Este trabalho tem como objetivo analisar como se deu o processo de esportivização do boxe, resgatando sua história enquanto esporte moderno. Tal história se fará a partir de uma abordagem que demarca suas diferenças com relação às práticas corporais pré-modernas. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica desdobrada em cinco partes.

Na primeira ressaltam-se as características e condições das práticas supostamente colocadas como ancestrais mais ou menos diretas do boxe. Na segunda aborda-se o processo de desenvolvimento dos esportes modernos na história da Europa a partir da Inglaterra. O desenvolvimento das primeiras regras, momentos históricos significativos do boxe são discutidos na parte 3. O início do boxe em Cuba, e mudanças no esporte após a revolução é narrado na quarta parte. Por fim, o fato de a modalidade estar em constante transformação e elaboração por um processo de difícil previsão se fará na última parte deste trabalho.

2. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE PRÁTICAS CORPORAIS PRÉ-MODERNAS

O que distingue em um primeiro momento as práticas de lutas antigas como o pancrácio e o pugilato, é o fato que estas tinham um caráter tanto de preparação para a guerra (militar) quanto para os concursos dos jogos olímpicos antigos vinculados ao campo dos rituais religiosos, não existindo distinção entre classes de lutadores, confronto de indivíduos segundo o seu peso e limites de tempo (ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação* 1992, p.203).

Segundo Elias e Dunning (tradução nossa), o pancrácio – o qual era um dos acontecimentos mais populares nos jogos Olímpicos da antiguidade - acontecia em uma arena sob os olhos de milhares de espectadores aficionados, sem limite de tempo e com um grau de violência permitido muito diferente do que se permite no boxe ou até mesmo no vale-tudo atual. Havia juiz, porém não havia nenhum cronometrista estendendo a luta até que um dos lutadores se rendesse. As regras eram tradicionais, porém não eram escritas, indiferenciadas e, em suas aplicações provavelmente flexíveis (ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* 1995, p.169).

Em *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* (tradução nossa), podemos observar a diferença entre luta como esporte e luta como ágon no seguinte relato:

No pancrácio os lutadores lutavam com todo o corpo, com as mãos, pés, cotovelos, joelhos, pescoço e cabeça; em Esparta usavam inclusive os dentes. Os pancratiastas podiam arrancar-se os olhos um ao outro, aplicar quedas, morder nariz e orelhas, fraturar os dedos tanto da mão quanto dos pés, ossos do braço e aplicar chaves de estrangulamento. Se o lutador derrubasse o outro, podia sentar-se sobre o outro e golpear a cabeça, rosto e orelhas, além de chutar e pisotear. Não é necessário dizer que neste brutal torneio os lutadores recebiam nas ocasiões horríveis

feridas e não poucas vezes algum resultava morto. O mais brutal de todos era provavelmente o pancrácio dos efebos espartanos. Conta Pausanias que os lutadores lutavam literalmente com unhas e dentes, mordendo-se e furando os olhos um ao outro. (FRANZ MEZOE, 1968 apud ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* 1995)

O pugilato também estava pouco circunscrito por regras, dependendo muito do emprego da força física. Não havia distinção entre categorias de peso e nem classes de lutadores. A única distinção que se fazia era entre rapazes e homens. A utilização de chutes era comum na tradição “pugilista” da antigüidade. Com as mãos e o surgimento da utilização dos dedos - que eram envoltos com tiras de couro que se amarravam no antebraço – permitia-se fechar os punhos ou esticar os dedos, que equipados com fortes unhas podiam cortar o rosto e o corpo do oponente. Com o tempo estas tiras se adaptaram com couro grosso, duro e com bordas afiadas e salientes (ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* 1995, p.169).

Por conseguinte, podemos concluir que não só a maneira de lutar, mas o objetivo e o *ethos* deste tipo de luta eram diferentes da luta como esporte, dependendo muito mais do emprego da força física, força espontânea, da paixão e da resistência - uma vez que o limiar entre ofensas físicas e morte era caracterizado por um tipo de confronto com baixo grau de restrições.

É comum alguns pesquisadores e divulgadores colocarem o pugilato como o ancestral direto do boxe, e não raramente como sendo a própria prática do “boxe” nas cidades-estados gregas. Contudo, de acordo com Elias (1995), “boxe” talvez não seja o termo apropriado para a prática corporal praticada na Grécia antiga, pois tanto o modo de lutar quanto a finalidade e a ética distintiva desta classe de luta eram diferentes das do boxe como esporte moderno. A ética de combate destes encontros pugilísticos era como a dos “ágons” gregos em geral, derivadas da ética lutadora de uma aristocracia guerreira em forma muito mais direta que a ética de luta das competições esportivas que emergiram na Inglaterra na modernidade. As últimas brotaram da tradição de um país que, mais que a maioria de outros países europeus, desenvolveu uma definida organização de guerra no mar, muito diferente da arte militar em terra,

e cujas classes terra tenentes – aristocratas e membros da *gentry* – desenvolveram um código de conduta relacionado menos diretamente que de outras classes altas europeias com o código de honra militar do corpo de oficiais dos exércitos de terra.

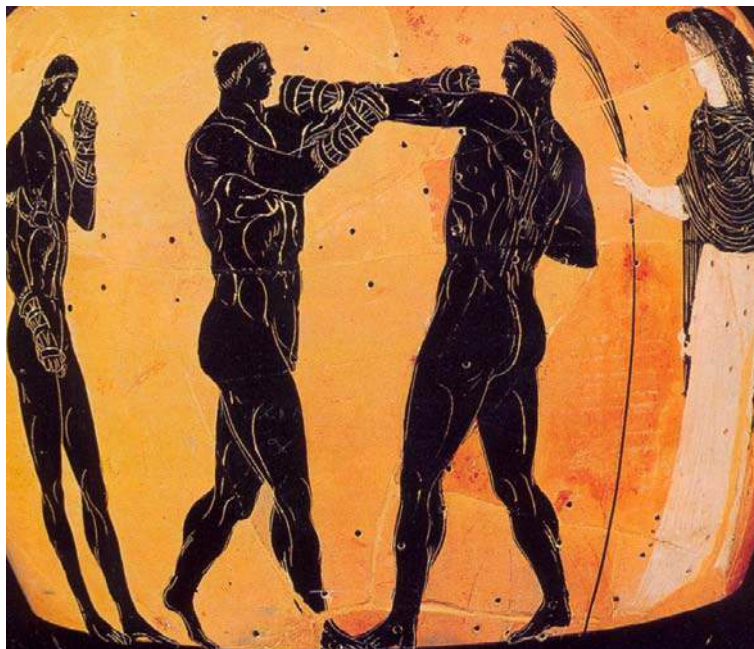


Figura 1 – Ilustração do pugilato em vaso da antigüidade¹



Figura 2 – Lutador antigo²



Figura 3 – Representação do “cestus”³

¹ YALOURIS, N. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**, São Paulo: Odysseus, 2004.

² Ibidem

³ Ibidem

3. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS ESPORTES MODERNOS

O boxe e muitos outros esportes atualmente praticados de forma muito semelhante ao redor do mundo tiveram sua origem na Inglaterra. Estendendo-se para a Europa, a partir da metade do século XIX e a primeira metade do século XX.

A própria expressão *Sport* (inicialmente termo exclusivo inglês) que corresponde em geral a um tipo específico de *passatempo, lazer ou diversão*, se propagou pela Europa a partir da Inglaterra. Esta propagação se deu de forma gradual, lenta e com resistência de alguns países como Alemanha e França, uma vez que esses países lamentavam a importação de práticas estrangeiras, mas principalmente de termos “*que, obviamente, corrompem a nossa língua, mas não temos barreiras de costumes que proíbam a sua passagem na fronteira*”⁴. Em *A Busca da Excitação* Elias faz menção a uma observação de um comentador alemão em 1936:

Como bem sabemos, a Inglaterra foi o berço e a “mãe” devota do desporto... Parece que os termos que se referem a este campo se tornaram propriedades comuns de todas as nações, da mesma maneira que os termos técnicos italianos no campo da música. É raro, provavelmente, que uma peça de cultura tenha migrado com tão poucas mudanças de um país para outro. (ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. 1992, p. 188)

O processo de desenvolvimento dos esportes modernos acontece no processo de emergência da sociedade moderna, com significativa expansão em seu período industrial, tornando-se de forma gradual e lenta uma prática regulamentada e padronizada, em um período histórico cujas condições e os fatos sociais merecem considerações exclusivas, pois se caracterizam por uma

⁴ Larousse Du XIX^{ème} Siècle, apud Elias e Dunning, 1992

autonomização e especialização crescentes da esfera esportiva com relação às esferas, religiosa, marcial, laboral, industrial, econômica, política.

As sociedades européias, desde o século XV em diante, vinham sofrendo transformações que impunham aos seus membros o controle cada vez maior de sua conduta e seus sentimentos, com a submissão destes ao processo de civilização, de formação do estado e a um calendário regulador minuciosamente diferenciado.

Em *A Política e a História*, Dunning resume a trajetória da formação do estado britânico e sua relação com o desenvolvimento do esporte moderno:

Na Inglaterra, ao contrário, toda e qualquer eventualidade de um Estado absolutista ou altamente centralizado desaparecera no século XVII no curso da guerra civil, por ocasião da guerra entre Carlos I e Cromwell, os “Cavaleiros” e os “Cabeças Redondas”, uma guerra que convém entender como resultante, em parte, da tentativa dos Stuarts de impor uma monarquia absoluta e católica. Foi uma guerra na qual a vitória do Commonwealth se traduziu por uma redução importante do poder monárquico. Isso foi reforçado, como Elias ainda mostrou, pelo fato de a Inglaterra ser uma ilha e uma potência naval, que doravante não exigia mais aquela espécie de imensa burocracia centralizada que tende a crescer nos Estados continentais onde é necessário um importante exército de terra para defender as fronteiras. Além disso, na Inglaterra, diferentes pressões sociais permitiram às classes superiores dos proprietários de terra, a grande e a pequena nobreza, conservar com um alto grau de autonomia, e através do Parlamento, dividir as tarefas do poder com o monarca. No século XVIII, [...], os membros dessas classes desenvolveram gradualmente - o que chamamos hoje de “partido político” – meios pacíficos de conduzir suas lutas políticas. Elias falava a esse propósito, em “parlamentarização do conflito político” e afirmava, em primeiro lugar, que se tratava de um elemento central no processo de civilização inglês e, em segundo lugar, que aquilo que se chamava a “esportização” das distrações sobreviera correlativamente a esse processo de parlamentarização, processo durante o qual o *habitus* mais civilizado desenvolvido pelos aristocratas e pelos *gentlemen* levou esses últimos a desenvolver maneiras menos violentas, mais civilizadas em seu lazer. (DUNNING, E. *A Política e a História*, 1995, p. 98)

A busca de uma excitação agradável, do ócio em si, em atividades recreativas mais organizadas, regulamentadas e menos violentas fisicamente,

em forma de lazer e jogos de confronto definido como a esportivização das distrações, teve uma acepção positiva – uma vez que dentre todas as práticas e termos usados para expressar afastamento do trabalho (preguiça, greve, indolência, vagabundagem, etc.) tiveram e têm acepção negativa até hoje.

As atividades esportivas de prazer e emoção - proporcionados pela tensão da batalha sem o desferir de ferimentos graves para deleite dos espectadores - foram primeiramente adotadas pelas elites sociais européias, a partir da aristocracia inglesa ou *society* do século XVIII, motivadas pelo monopólio e controle dos meios de violência física, através de pressões sociais que impuseram padrões específicos de autodomínio quanto à impulsos de violência.

Os primeiros tipos de passatempos ingleses adotados por outros países foram: corridas de cavalos, a caça à raposa e curiosamente o boxe. Num segundo momento, a difusão de jogos de bola, como o futebol e o rugby, e do esporte num sentido mais contemporâneo, começou somente na segunda metade do século XIX por grupos da classe média e dos trabalhadores.

Segundo Elias & Dunning, perante a avaliação dominante que se faz do trabalho, como algo de muito maior valor do que as atividades de lazer de todos os gêneros, pode sugerir-se que qualquer transformação, seja nas atividades de lazer em geral ou nos confrontos de jogos em particular, que têm ocorrido nos dois últimos séculos aproximadamente, devem ter sido o “efeito” do qual a industrialização foi a “causa”.

A análise de causa e efeito, busca encerrar o problema antes mesmo de este ter sido aberto, pois tratam como “causas” as transformações em esferas sociais que se classificam de superiores na escala de valores de uma sociedade, e como “efeitos” as mudanças em esferas inferiores (ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. 1995 p. 186).

A tendência generalizada de explicar os acontecimentos do século XX como resultado da Revolução Industrial faz com que nos sintamos saturados deste tipo de explicações, mesmo não sendo possível negar que tanto a industrialização quanto a urbanização tiveram um papel relevante no desenvolvimento e difusão das ocupações de tempo livre com características de esportes.

Segundo Campos (2004), no contexto de engendramento da sociedade moderna:

[...] Transcorreu o que Norbert Elias definiu como processo de esportivização, com regras mais rígidas que visavam a estabelecer certa igualdade de oportunidades aos concorrentes e maior controle sobre o limite da violência e o uso da força física.

A respeito de práticas corporais adquirirem uma dimensão mundial, pode-se interrogar se são passatempos que, evidentemente, satisfazem necessidades específicas de lazer que se fazem sentir em vários países no período do processo de industrialização na Europa ocidental.

Num primeiro momento, pode parecer que esta justificativa não diferencia o esporte moderno do pré-moderno, já que as sociedades contemporâneas não são as primeiras nem as únicas a sentirem necessidades específicas de prazer em práticas esportivas. Porém, freqüentemente o próprio termo *esporte* é utilizado de maneira generalizante assim como as razões de suas condutas são explicadas por disposições psicológicas universais, de forma a conceber equivocadamente uma continuidade nas manifestações de jogos de inúmeros gêneros desde a Grécia antiga até os jogos que se desenvolveram na Inglaterra durante os séculos XVIII e XIX. Não obstante, Norbert Elias faz a seguinte analogia da utilização do termo “desporto” (esporte) e o termo indústria mostrando-se muito sensível às devidas distinções a serem feitas no emprego dos termos:

[...]. O termo “desporto” é utilizado no presente de uma maneira bastante vaga, de forma a abranger confrontos de jogos de numerosos gêneros. Como o termo “indústria”, é utilizado tanto num sentido lato como num sentido restrito. No sentido lato refere-se, também como o termo indústria”, tanto a atividades específicas de sociedades tribais pré-Estado e de sociedades-Estado pré-industriais, como às atividades correspondentes dos Estados-nações industriais. Se, no presente utilizarmos o termo “indústria” neste sentido lato, estamos bem conscientes do seu sentido restrito e mais preciso, ou seja, do fato de o “processo de industrialização” dos séculos XIX e XX ser algo

muito recente e de os tipos específicos de produção e de trabalho que se desenvolveram, em fase hodierna, sob o termo “indústria”, possuem certas estruturas únicas que podem ser determinadas sociologicamente com razoável precisão, sendo nitidamente distintas das estruturas de outros tipos de produção. (Elias & Dunning, 1992, p.191-92)

Segundo Martins & Altmann (2007) a expressão “esporte moderno” foi utilizada pela primeira vez por Norbert Elias e Eric Dunning para demarcar a diferença com o esporte antigo e tradicional. A maioria dos esportes que conhecemos e praticamos hoje são considerados esportes modernos. Os esportes modernos possuem as seguintes características: diminuição do grau de violência, codificação de regras e das práticas, igualdade formal entre os jogadores, espaços e tempos próprios, desvinculando-se de rituais religiosos (secularização). Segundo Elias e Dunning (1992, p. 230):

o esporte é uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova.

Dessa forma, o boxe como esporte moderno, também passa a ser organizado em grande escala, administrando, controlando e regularizando a prática. Com temporalidade específica – calendário próprio e sensível ao mundo social, como às exigências da mídia e o ritmo de trabalho e lazer. Essas características definitivamente podem ser observadas visto que foram criadas além das regras escritas, Federações ao redor do mundo para organizar competições, inserindo-se no quadro de modalidade dos Jogos Olímpicos Modernos, o que reforça a idéia de esportivização que o pugilismo sofreu.

4. MOMENTOS HISTÓRICOS E O DESENVOLVIMENTO DAS PRIMEIRAS REGRAS DO BOXE

4.1. A Era dos punhos limpos

Em 1695, nasce James Figg no condado de Oxford. Com 1,83 m de altura e 84 Kg, foi um dos maiores lutadores de todos os tempos, dominando várias modalidades: espada, adaga, bastão, porrete e o pugilismo inglês arcaico. Teria feito cerca de 300 lutas e parece nunca ter sido derrotado.

Não se sabe o ano em que iniciou a lutar e nem quando foi para Londres. O que se sabe é que aos 24 anos, em 1719, já havia construído um respeitável renome como lutador se auto-proclamando campeão inglês das lutas por prêmio. O título foi aceito por lutadores, imprensa e cronistas da época. Fez sua última luta aos 35 anos, em 1730, e morreu repentinamente quatro anos depois. (FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO)

Muitas poucas vezes Figg lutou pugilismo e quando o fez foram em lutas por prêmios envolvendo várias etapas, cada uma das quais com uma modalidade diferente, como espada, adaga, porrete, bastão, etc. Tanto no pugilismo quanto nas outras modalidades as lutas eram contínuas, sem períodos de descanso. Em 1727, numa das raras vezes que teve seu título desafiado, enfrentou Ned Sutton em uma luta que durou três etapas: espada, pugilismo e porrete, proclamado vencedor nas três modalidades.

Figg tinha no pugilismo apenas uma das várias modalidades que praticava. Na época, sua fama residia em sua habilidade com a espada e o bastão. Em particular, por esta e outras razões não seria coerente dizer que Figg foi o mentor do boxe, ou qualquer outra única pessoa. Ele foi um lutador que fez a transição entre os lutadores ingleses que praticavam várias modalidades de luta e os especialistas em pugilismo. O primeiro lutador a se dedicar inteiramente ao pugilismo foi seu aluno, John Jack Broughton.

A esgrima que Figg praticava era a de estilo italiano que havia aprendido durante a adolescência na cidade de Veneza. Hoje, não temos mais condições

de saber se Figg adaptou os golpes retos da esgrima italiana ao pugilismo inglês ou se, em sua estada na Itália, aprendeu o boxe italiano que era o resultado dessa adaptação do antigo pugilato romano.

O que se tem certeza é que, voltando para a Inglaterra, passou a mostrar um estilo de pugilismo desconhecido dos ingleses: um estilo que dava preferência aos socos retos ao invés dos mais lentos e ineficazes socos curvos tradicionalmente usados no pugilismo arcaico inglês. Também, introduziu o costume de se usar a mão esquerda à frente, enquanto deixa-se a direita atrás como medida de segurança, caso a guarda seja penetrada. A razão maior da preferência pela mão esquerda à frente é a possibilidade de interceptar os ganchos e swings de direita. Pesquisadores colocam este fato como uma forte influência das técnicas da esgrima.

James Figg foi o primeiro professor a lecionar aulas de boxe para intelectuais e aristocratas em sua própria escola, sem o objetivo de formar profissionais, estas aulas tinham a pretensão de dar noções de luta para defesa pessoal em duelos e assaltos comuns à época, tornando-se para os ingleses uma *nobre distração*.



Figura 4 – James Figg⁵



Figura 5 – A era dos punhos limpos⁶

⁵ Disponível em: www.iainabernethy.com

⁶ Disponível em: www.flickr.com

4.1.1 As regras de Broughton: 1743-1838

As primeiras regras escritas do boxe foram feitas em 1743 por John Jack Broughton, um dos primeiros campeões mundiais. Estas regras deram início ao boxe inglês sem luvas, sendo o cenário da luta o ringue, respeitando o adversário caído, porém as lutas continuavam sem períodos de descanso. (ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL, 1988, p. 1420)

Em 1741, Broughton derrotou George Stevenson em um combate de 35 minutos. Com a morte de Stevenson dias depois, Broughton inicialmente abandonou a prática do boxe, convencido de que o mesmo necessitava de regras com o fim de evitar que os pugilistas sofressem danos irreversíveis.



Figura 6 - Jack Johnson Broughton⁷

O retorno do campeão trouxe o desenvolvimento de regras escritas pelo mesmo.

As regras estabeleciam os seguintes limites:

- Ante a queda do oponente o boxeador deve retirar-se para o seu próprio corner.
- O boxeador que sofrer a queda tem 30 segundos para colocar-se ao centro do ringue e recomeçar o combate ou ser considerado “homem vencido”.
- Somente os pugilistas e seus segundos podem subir no ringue.
- Fica proibido o acordo particular entre os pugilistas sobre a divisão do dinheiro.

⁷ Disponível em: le-meilleur-de-tous-les-temps.blogspot.com

- É obrigatória a eleição de árbitros (*umpires*) para decidir as disputas entre os pugilistas.
- Proibido golpear o adversário quando este se encontra caído.
- É admitido apenas golpes acima da linha da cintura.

Broughton também iniciou a utilização de quadriláteros elevados e o uso de luvas durante os treinos e demonstrações. As regras se mantiveram em vigência até 1838 quando foram ampliadas pelas Regras de London Prize Ring.

4.1.2. As regras de London Prize Ring

Em 1838, a Associação Britânica de Proteção aos Pugilistas (*British Pugilists' Protective Association*) estabeleceu um novo conjunto de regras para o boxe, que se difundiram rapidamente por toda Grã-Bretanha. As novas disposições tiveram como base as regras de Broughton, e oficialmente chamadas como *London Prize Ring Rules*, traduzidas como Regras do Boxe por Dinheiro de Londres, conhecidas como as Regras de Londres. (WIKPEDIA, *Las Reglas Del London Prize Ring*; Traduzido por Soltermann, L.)

As Regras de London Prize Ring estavam integradas por 23 regras. Sendo as principais:

- A construção dos ringues sobre uma plataforma, com um padrão de 24 pés (7,3m) de lado.
- A presença de assistentes com funções para atender os lutadores, árbitros.
- A regulamentação das esquinas (corners).
- 30 segundos para o pugilista levantar-se e retornar ao centro do ringue em condições de combate.

Além de diversas proibições como a entrada no ringue por parte dos assistentes, utilização da cabeça para golpear, golpear o adversário enquanto este estiver caído ou com os joelhos no chão, golpes abaixo da linha da cintura, utilizar dedos, unhas ou chutes para atacar o oponente. (FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO)

As regras de Londres mantiveram o boxe a punho limpo, mas introduziram a possibilidade de que cada boxeador pudesse apoiar um joelho sobre a lona para deter a luta durante trinta segundos, com o fim de permitir recuperação. Após 1853 as regras foram ampliadas e em 1866 se estabeleceram as “Regras Novas” sancionadas pela recém criada *Pugilist Benevolent Society*.

Durante a Era dos Punhos Limpos, era inexistente a prática amadora. Sendo os combates realizados sempre por “prêmios” em dinheiro colocado em jogo através de apostas – daí o término “prize-ring” -, a atividade passou a ser considerada ilegal, mas sobrevivera devido a grande apoio popular e de personalidades influentes, como membros da imprensa e da aristocracia britânica.

Sem divisão de categorias segundo o peso dos pugilistas, havia somente um “campeão”, sendo geralmente um dos mais pesados. O término “peso leve” começou a utilizar-se no início do século XIX e poucas vezes organizavam-se combates entre os mais leves, sem um campeonato específico para os mesmos.

O boxe a punho limpo por prêmios se limitou aos países anglo-saxônicos, tendo os principais boxeadores do século XVIII de origem britânica, e no curso do século XIX Estados Unidos foi gradualmente substituindo Inglaterra, tanto como lugar principal dos combates como por origem dos pugilistas mais destacados. Na segunda metade do século XIX, a decadência do boxe a punhos limpos tornou-se evidente, como observa Jack Anderson na seguinte menção:

“Em meados do século XIX a luta por prêmio (prize fighting)... sofre, por diversas razões internas, uma brusca queda em adesão. A luta por prêmio, que sempre teve uma duvidosa associação com o submundo criminal, havia se convertido agora claramente em veículo dos interesses das apostas: os combates eram combinados, os lutadores árbitros comprados, com o ideal de uma luta limpa abrindo espaço para a presunção da corrupção.” (J. ANDERSON, 2001 APUD WIKPÉDIA, 2009)

Deste modo, não tardou muito para o que os duelos à punhos descobertos fossem desaparecendo gradualmente. Em 1882, os tribunais ingleses decretaram que uma luta a punho limpo constituía um ato criminal causador de lesões, independente do consentimento dos participantes.

Apesar dos *fancy* (amadores) terem feito novas concessões, reformulando as Regras de Londres em 1853 e 1866, inclusive introduzindo outras categorias por peso além dos pesos pesados, o boxe sem luvas continuou a ser perseguido pela polícia fazendo com que a maioria dos boxeadores profissionais ingleses atuassem nos Estados Unidos.

No dia 8 de Julho de 1889 se realizou a “última” luta a punhos limpos por um título, entre Sullivan e Killrain, com o triunfo do primeiro. Sullivan que era estadunidense tornou-se um marco entre o boxe a punhos descobertos e o boxe com luvas, sendo o último campeão mundial da prática a punhos nus e o primeiro a punhos cobertos.



Figura 7 – Luta entre Sullivan e Killrain⁸

4.2 A Era do boxe com luvas: as regras de Queensberry

Em 1867, por iniciativa de John Graham Chambers, reconhecido pugilista inglês, organizou-se em Londres os primeiros campeonatos de boxe amador da história, estabelecendo pioneiramente três categorias segundo o peso dos pugilistas: ligeiro, médio e pesado.

⁸ Disponível em: www.antekprizing.com

No centro poliesportivo Lillie Bridge Grounds inaugurado naquele ano – o qual sediou estes pioneiros torneios, foi fundada a sede *Amateur Athletic Club* com o patrocínio do VIII Marquês de Queensberry John Sholto Douglas.

As regras foram formuladas por Chambers instituindo pela primeira vez o períodos de descanso e a divisão do tempo da luta em rounds de 3 minutos por um de descanso, e o tempo de 10 segundos para a recuperação de um golpe contundente. O código das regras foi postulado pelo então Marquês de Queensberry, vinculando-lhe o nome das regras, sendo um grande nome da aristocracia inglesa e patrocinador do boxe. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1968, p. 218)

As regras de Queensberry originaram a prática do boxe moderno. Estabelecendo as principais regras:

- Os participantes deveriam usar luvas.
- Os rounds deveriam durar 3 minutos por 1 de descanso.
- A contagem de 10 segundos para o boxeador caído se levantar e apresentar-se em condições de combate.
- A proibição de puxar, empurrar ou abraçar o oponente.

No final do século XIX, o boxe amador estava bastante difundido na Inglaterra, fazendo inclusive parte dos estudos obrigatórios nas escolas mais tradicionais inglesas. Na época, era famoso o torneio anual de boxe amador entre os alunos de Oxford e Cambridge, as duas mais tradicionais e importantes universidades da Inglaterra.

Porém, inicialmente, os profissionais ridicularizaram as Regras de Queensberry. Contudo, a perseguição inclemente, tanto da polícia inglesa como americana, aos praticantes do boxe sem luvas fez com que os profissionais também passassem a lutar sob as regras do Marquês, surgindo dois ramos claramente diferentes de boxe: o profissional e o amador.

Com esta diferenciação, cada vertente produziu seus próprios órgãos reguladores, locais, nacionais e internacionais, com suas próprias variações das regras.



Figura 8 – John Sholto Douglas
VIII Marquês de Queensberry⁹



Figura 9 – John Graham Chambers¹⁰

⁹ Disponível em: esporte.hsw.uol.com.br

¹⁰ Disponível em: www.cuabc.org.uk

5. O INÍCIO DO BOXE EM CUBA E TRANSFORMAÇÕES NO ESPORTE APÓS A REVOLUÇÃO

Antes de abordar o esporte e em especial o boxe em Cuba, é necessário levantar a importância desta discussão. Pelo fato da sensibilidade do esporte às transformações sociais e históricas, como colocado nas abordagens anteriores, o desenvolvimento do esporte e o estudo do caráter do mesmo nos períodos que antecederam e após a revolução, é fundamental para a compreensão da trajetória do pugilismo em um país que se tornou referência mundial.

Em 1910, John Budinich, pugilista nascido no Chile e até então residente nos Estados Unidos, junto com outras personalidades e apoio dos cronistas esportivos Bernardo San Martín e Vicente Cubillas, desenvolveram e organizaram a prática do boxe em Havana. Estes entusiastas do boxe instalaram com a permissão do jornal *Cuba*, o primeiro quadrilátero no pátio do edifício da própria imprensa, marcando o início das competições pugilistas na história cubana. (DOMÍNGUEZ, J.; LLANO, J. L. **La preparación básica de los boxeadores**. Tradução por Soltermann, L.1987, p.19)

Anos mais tarde, em abril de 1915, se iniciou em Havana a discussão do campeonato mundial dos pesos “completos” no boxe profissional. Com a participação dos americanos Jack Johnson e Jess Willard, o primeiro sagrou-se campeão. A evidência da discriminação racial se mostrou abertamente após fortes pressões e meios corruptos para a obtenção do título, forçando Jack Johnson a ceder e vender seu título para hierarcas que controlavam o boxe nos Estados Unidos, além do fato dos combates entre boxeadores cubanos terem pouca visibilidade e importância.

Logo entusiastas influentes se interessaram em promover boxeadores e com a colaboração da imprensa alcançaram visibilidade. O boxe havia alcançado rapidamente o apoio da participação influente, apesar de que

exclusivamente em Havana, não estava legalmente autorizado criando uma situação ambígua, na qual se considerava delito apenas a promoção de competições.

Durante o mandato de Don Marcelino Díaz de Villegas, o mesmo decretou a proibição do boxe em 1912 na cidade de Havana, colocando-o como uma prática brutal, mas principalmente pela desordem social que ocorria durante as lutas entre negros e brancos. O decreto restrito à capital, fez com que em Marianao e no interior de todo o país continuassem a prática e as competições de boxe. A situação originou irregularidades como a prática e a promoção de lutas clandestinas.

Somente em dezembro de 1921, o governo cubano cedeu e legalizou o boxe fundando a Comissão Nacional de Boxe e Wrestling com a iniciativa do esgrimista medalhista olímpico Ramón Fonst.

O caráter classista do esporte revelava fundamentalmente como expressão do esporte, o profissionalismo, o exclusivismo, a comercialização, a discriminação racial, social e a limitação feminina, vinculando o jogo à corrupção. (GONZÁLEZ, G.; ORDAZ, L.; CABRERA, G. *EL DEPORTE CUBANO*. 1991, p.1)

Segundo Pettavino e Pye (tradução nossa), o tempo livre e o esporte tornaram-se um meio rentável, herança e patrimônio das classes favorecidas e da elite, sendo a prática restrita aos clubes esportivos privados. Nas classes menos favorecidas eram praticados apenas o beisebol, o jai-alai (*pelota vasca*) e em menor escala o boxe. Sob a forma de casas de jogo (*gambling*) a corrida de cavalos, de cachorros, bilhar americano, loteria, roleta e as máquinas “*traga-monedas*” destinados para o público geral. (PETTAVINO, P. J.; PYE, G. *SPORT IN CUBA*. 1994, p. 22)

Em novembro de 1935, a educação física foi decretada obrigatória nas escolas, porém a prática de esportes nas escolas era praticamente inexistente, cumprindo-se apenas em algumas poucas escolas privadas.

Por volta de 1959, existiam cerca de 800 professores de educação física no país. A maioria eram parentes ou amigos de oficiais e políticos e em sua maioria, não qualificados. Muitos esportes eram praticados pela elite de hispânicos cubanos nas escolas, na Universidade de Havana e clubes -

sempre restritos à cidade de Havana. Para a maioria da população permitiam-se as atividades de recreação informais e não organizadas. Embora a educação física fosse obrigatória nas escolas, continuou-se o não cumprimento da lei, sendo destinado apenas nas escolas privadas foram intensificando-se o exclusivismo e a concentração do esporte em Havana. (PETTAVINO, P. J.; PYE, G. *SPORT IN CUBA*. 1994, p. 23)

Após a revolução, com o suporte tecnológico da União Soviética e o trabalho dos cubanos para remoção das barreiras socioeconômicas e legais, a democratização do esporte tornou-se paulatinamente realidade para toda a população, fato que foi imprescindível para o rápido crescimento do desempenho do esporte cubano.

De acordo com Pettavine e Pye (1994), os principais fatores que colaboraram para a democratização do acesso à cultura física foram a produção e distribuição de equipamentos esportivos e a estatização dos clubes privados. Em janeiro de 1959, haviam apenas 13 praças de esportes públicas. Clubes e centros privados converteram-se em espaços públicos estatais e com um programa para o lançamento de novos estabelecimentos e no mesmo ano, aproximadamente 1,5 milhões de pessoas participavam de atividades esportivas, o equivalente a um quinto da população. Logo em 1965, Cuba estabeleceu a primeira indústria para manufatura de equipamentos esportivos e em 1988, já haviam mais de 9.600 estabelecimentos relacionados ao esporte, desde clubes, centros, praças e fábricas esportivas – sempre com o apoio da população através do trabalho voluntário.

Todas as transformações neste campo trouxeram melhoras consideráveis no esporte como um todo e no caso do boxe, que apesar do vínculo precoce com a corrupção e a perseguição, resgatou-o como uma das modalidades mais populares.

Até três anos após a revolução, o boxe amador se encontrou apagado pelo boxe profissional. Durante as décadas de 1930 e 1940, a figura de Eligio Sardiñas, Kid Chocolate como ficou conhecido, conquistou dois títulos mundiais como profissional. Em sua carreira amadora, obteve mais de 100 vitórias – fatos como este que indicavam claramente para treinadores e boxeadores que o amadorismo era a base e o nutriente do sucesso como profissional.



Figura 10 – Kid Chocolate¹¹

Apesar desta mentalidade de muitos, as condições sociais e políticas do país, fazia com que jovens buscassem no boxe profissional a subsistência em um meio de miséria e corrupção. Aproveitando estas condições, promotores do boxe profissional focavam através dos meios massivos de comunicação, a vida de boxeadores profissionais famosos para refletir em principiantes e em outros que subiam por necessidade ao ringue - sem muitas vezes ter recebido aulas de boxe e na maioria das vezes sem a experiência como amador – a ilusão do profissionalismo como um meio de ascensão social. (DOMÍNGUEZ, J.; LLANO, J. L. *La preparación básica de los boxeadores*. Tradução por Soltermann, L.1987, p.21)

Em 1962, a erradicação do boxe profissional se deu com o decreto do governo revolucionário, que proibia definitivamente as atividades profissionais no esporte cubano. Em *La preparación Básica de los Boxeadores*, Domínguez e Llano mencionam a Resolução 83 (tradução nossa) que expressavam os seguintes aspectos:

- A suspensão definitiva de espetáculos de boxe profissionais por constituir uma atividade totalmente nociva e contrária ao desenvolvimento e estado de saúde dos atletas praticantes.

¹¹ Disponível em: www.thesweetscience.com

- O fechamento do Front Jai-Alai Havana, por constituir um espetáculo alheio às atividades esportivas e constituir uma forma de exploração pugna totalmente contra a moral revolucionária.
- Toda atividade profissional leva um conteúdo econômico, fomenta a exploração do homem pelo homem e desvincula o espírito que deve animar a prática das atividades esportivas que têm como finalidade o desenvolvimento cívico e moral dos participantes.
- Resulta procedente dispor, com caráter geral, a suspensão de toda atividade esportiva profissional, uma vez que pugna com os objetivos fundamentais que inspiram a Revolução Socialista.

Após o triunfo da revolução e da erradicação do boxe profissional, o Ministério da Educação reorganiza todo o sistema nacional de educação fomentando com planos de recreação física direcionando o boxe, assim como muitas outras modalidades, para a educação e o esporte escolar. Nas universidades, o impulso começa com a regulamentação da educação física como parte do plano de estudos de todas as faculdades (reforma universitária de 1962) e a organização de competições em diferentes modalidades.

Com estas disposições e mudanças na estrutura do esporte, eliminou-se radicalmente o boxe profissional, dando-se lugar para o boxe amador, uma vez que seus participantes exercitariam a atividade somente com o propósito de conhecer e praticar o esporte e oferecer seus resultados para a sociedade.

6. REGRAS ATUAIS DO BOXE E PERSPECTIVAS: AMADORISMO E PROFISSIONALISMO

As regras do boxe amador relacionadas ao tempo de luta e proteção por capacete ainda estão em discussão nas federações ao redor do mundo. Até o ano de 2008, o tempo do round amador era de 2 minutos sendo que neste ano igualou-se à duração do round profissional: 3 minutos.

Porém algumas regras comuns em qualquer combate de boxe, seja amador ou profissional, podem ser listadas algumas proibições:

- Golpear a nuca ou atrás da cabeça;
- Chutar o oponente;
- Dar as costas ao adversário;
- Golpear abaixo da linha da cintura;
- Aplicar cabeçadas intencionais;
- Utilizar outros objetos que não sejam as luvas regulamentadas;
- Aplicar quedas ao adversário.

Até alguns anos atrás o uso do capacete também não existia no amadorismo e o round durava 3 minutos, sendo bastante semelhante o estilo e a prática de luta amador com o profissional.

No período em que o round durava 2 minutos (até 2008), o combate tendia a ser mais movimentado, não havendo muito tempo para estudar-se o adversário, fato que até então caracterizava o amadorismo.

A caracterização do boxe amador com luvas de “ponta branca”, vestimentas, capacetes, nas cores azul ou vermelha, correspondentes ao corner designado, é a forma pela qual o boxe amador também é conhecido como boxe olímpico.

Segundo a Confederação Brasileira de Boxe e seu Regulamento Técnico a decisão do combate pode ocorrer das seguintes maneiras:

Vitória por Pontos (PP);
Vitória por Abandono (AB);
Vitória por Decisão do Árbitro (RSC, RSC-H ou RSC-I);
Vitória por Nocaute (KO); Nocaute Técnico (KOT);
Vitória por Desclassificação (DESC.);
Não Comparecimento (WO);
Empate (EMP).

A proteção por capacete é permitida somente no amadorismo, as luvas são sempre de 10 oz (284 gramas) na cor azul ou vermelha (assim como a vestimenta e o capacete, de acordo com o corner do boxeador) com a extremidade branca (sendo o golpe válido quando esta parte toca o oponente), exceto para as categorias infantis que serão permitidas apenas as luvas de 12 oz (341 gramas). (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE)

São considerados profissionais todos os boxeadores que tenham competido por prêmios em dinheiro. Uma vez profissionalizado não é permitido ao boxeador voltar à competir como amador.

6.1 Boxe amador: masculino adulto

No amadorismo, além do uso das proteções habituais dos profissionais, como coquilha (genitais) e protetor bucal, utilizam-se os capacetes. Os indivíduos são regulamentados a utilizarem as luvas, o capacete e em alguns casos a vestimenta de acordo com a cor do corner designado: azul ou vermelho.(CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE)

Os combates podem durar de 3 a 4 rounds, sendo de 3 minutos por um de descanso. Até o ano de 2008, o tempo do round no boxe amador era de 2 minutos.

No Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, grandes nomes do boxe nacional iniciaram e estrearam suas carreiras como amadores disputando o torneio Forja dos Campeões (campeonato para estreantes) da Federação Paulista de Pugilismo. Dentre eles podemos citar Éder Jofre, Maguila e Popó.(FEDERAÇÃO PAULISTA DE PUGILISMO)

Apesar dos principais torneios de amadores serem em São Paulo, os maiores destaques muitas vezes são oriundos de Salvador. Muitos pugilistas

que apresentam um elevado grau técnico em campeonatos amadores, o que até recentemente era raro, são baianos que vêm buscar algum incentivo e apoio para seguir carreira e acabam por representar escolas de boxe paulistas em torneios e jogos abertos.

6.1.1 Boxe amador feminino adulto

No boxe amador para mulheres maiores de 17 anos e até 34 anos, as lutas duram 4 rounds, de 2 minutos por 1 de descanso. Quanto as luvas, o boxe amador independe da categoria, sendo sempre as de 10 oz (284 gramas).

A proteção são o protetor bucal e opcionalmente o protetor de seios. A apresentação do atestado negativo de gravidez em é obrigatória.

Apesar de encontrarmos muito pouco sobre o boxe feminino na literatura e na mídia, é uma vertente do boxe que está em constante crescimento e adesão.

O reconhecimento do progresso substancial em universalidade e qualidade técnica das atletas rompeu com a equivocada percepção de que o esporte não atingia o padrão mínimo para ser considerado olímpico.

Sendo o único esporte olímpico que não contava com uma categoria feminina, até então, o Comitê Olímpico Internacional decidiu incluir o boxe feminino entre os esportes olímpicos permitindo às mulheres disputarem medalhas já na próxima Olimpíada, em Londres, em 2012. (Folha de S. Paulo)

No Brasil, o amadorismo feminino apresenta um grau técnico elevado, estando incluído nos jogos abertos e organizado em diversos campeonatos nacionais e estaduais.



Figura 11 – Boxe feminino amador¹²

¹² Disponível em: ueba.com.br

6.1.2 Boxe amador: juvenil, cadete e infantil

Nesta divisão do boxe, somente amadora, há algumas adaptações no tempo dos rounds e na sua quantidade, sendo as mesmas proteções amadoras dos adultos para todas as divisões e o tempo de descanso de 1 minuto.

O juvenil masculino que ocorre na faixa de 17 e 18 anos, o combate acontece em 4 rounds de 2 minutos. Já no feminino, 17 e 18 anos, ocorre em apenas 3 rounds de 2 minutos.

Para as lutas de cadetes, 15 e 16 anos, são 3 rounds de 2 minutos. No feminino sendo 3 rounds de 1 minuto e 30 segundos.

Nas categorias infantis, 13 e 14 anos, o combate masculino dura 3 rounds de 1 minuto e 30 segundos cada. Sendo no feminino 3 rounds de 1 minuto cada. Utilizando-se sempre as luvas de 12 oz, com o fim de evitar maiores lesões e/ou cortes nos participantes.



Figura 12 – Luta de Boxe Infantil¹³

¹³ Disponível em: mmboxe.blogspot.com

TABELA 1: CATEGORIAS DE PESO DO BOXE AMADOR MASCULINO

ADULTO		JUVENIL		CADETE	INFANTIL
17 A 34 ANOS		17 A 18 ANOS		15 A 16 ANOS	13 A 14 ANOS
3 x 3 x 1		4 x 2 x 1		3 x 2 x 1	3 x 1:30 x 1
Categoria de Peso	Kg	Categoria de Peso	Kg	Kg	Kg
Mosca Ligeiro	48	Mosca Ligeiro	48	46	38
Mosca	51	Mosca	51	48	40
Galo	54	Galo	54	50	42
Pena	57	Pena	57	52	44
Leve	60	Leve	60	54	46
Meio Médio Ligeiro	64	Meio Médio Ligeiro	64	57	48
Meio Médio	69	Meio Médio	69	60	50
Médio	75	Médio	75	63	52
Meio Pesado	81	Meio Pesado	81	66	54
Pesado	91	Pesado	91	70	57
Super Pesado	+91	Super Pesado	+91	75	60
				80	66
				+80	+66

TABELA 2: CATEGORIAS DE PESO DO BOXE AMADOR FEMININO

ADULTO		JUVENIL		CADETE	INFANTIL
17 A 34 ANOS		17 A 18 ANOS		15 A 16 ANOS	13 A 14 ANOS
4 x 2 x 1		3 x 2 x 1		3 x 1:30 x 1	3 x 1 x 1
Categoria de Peso	Kg	Categoria de Peso	Kg	Kg	Kg
Palha	46	Palha	46	46	38
Mosca Ligeiro	48	Mosca Ligeiro	48	48	40
Mosca	51	Mosca	51	50	42
Galo	54	Galo	54	52	44
Pena	57	Pena	57	52	44

Leve	60	Leve	60	57	48
Meio Médio Ligeiro	64	Meio Médio Ligeiro	64	57	48
Meio Médio	69	Meio Médio	69	63	52
Médio	75	Médio	75	66	54
Meio Pesado	81	Meio Pesado	81	70	57
Pesado	91	Pesado	+81	75	60
				75	63
				80	66
				+80	+66

6.2 Boxe profissional: masculino

No boxe profissional masculino (acima de 18 anos), as lutas são movidas por prêmios, arrecadados nas apostas e bolsas feitas por empresários e promotores de cada lutador. As lutas, duram entre 4 e 12 rounds – até final dos anos 80 a disputa por um título mundial duravam 15 rounds. Os rounds duram 3 minutos, por 1 minuto de descanso (desde a instituição das regras de Queensberry). O número de rounds é combinado em acordo entre os lutadores antes da luta, exceto por disputa de título que são pré-estabelecidos 12 rounds.

As lutas são com luvas de 8 oz até a categoria meio-médio (66, 678kg) e nas demais as mesmas são de 10 oz.

A proteção utilizada no profissional são o protetor bucal e a coquilha, lutando-se sempre com o tronco descoberto.



Figura 13 – Éder Jofre golpeando Rudy Corona¹⁴

¹⁴ Disponível em: globoesporte.globo.com

Um aspecto fundamental do boxe moderno, tanto amador quanto profissional, é a busca pela excelência técnica, como podemos ver na imagem da página anterior, a perfeição do golpe reto bem aplicado, assim como a extensão completa do braço mostra a distância perfeita na aplicação da técnica por uma das maiores expressões do boxe nacional e mundial, Éder Jofre, no ano de 1969, em disputa que lhe valeu o título mundial.

6.2.1 Boxe profissional feminino

No boxe profissional feminino, idade mínima de 18 anos, o número e o tempo dos rounds diferem do masculino, podendo ser de 4 a 10 rounds de 2 minutos por 1 minuto de descanso. A disputa de títulos, desde nacionais a internacionais são regulamentados 8 e 10 rounds.

A proteção obrigatória é somente o protetor bucal e opcionalmente o protetor de seios. As luvas dependem da categoria da atleta: até a categoria Pena (57,153 kg) usam-se as de 8 oz (227 gramas), a partir da categoria super-pena (58,967 kg) vestem-se as de 10 oz.

TABELA 3: CATEGORIAS DO BOXE PROFISSIONAL

Categoria Feminina	Quilos	Categoria Masculina	Quilos
Mínimo	46,266	Mínimo	47,627
Mini mosca	47,627	Mosca ligeiro	48,988
Mosca ligeiro	48,988	Mosca	50,802
Mosca	50,802	Super mosca	52,163
Super mosca	52,163	Galo	53,524
Galo	53,524	Super galo	55,338
Super galo	55,338	Pena	57,153
Pena	57,153	Super pena	58,967
Super pena	58,967	Leve	61,235
Leve	61,235	Super leve	63,503
Super leve	63,503	Meio médio	66,678
Meio médio	66,678	Super meio médio	69,853
Super meio médio	69,853	Médio	72,575
Médio	72,575	Super médio	76,204
Super médio	76,204	Meio pesado	79,379

Meio pesado	79,379	Cruzador	90, 719
Pesado	+79,379	Pesado	+90, 719



Figura 14 – Boxe feminino profissional¹⁵

¹⁵ Disponível em: maquinadoesporte.uol.com.br

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como se deu o processo de esportivização do boxe, mas principalmente, superar a visão generalizante e continuista equivocada sobre a história e origem do esporte. Pudemos, então, observar que o boxe sofreu lentamente um processo de esportivização, através do resgate histórico e do registro de como se encontra organizado e regulamentado atualmente.

Ao contrário do que comumente encontra-se em algumas lutas, é difícil apontar uma ou mais figuras responsáveis pela expansão do boxe no mundo, ou até mesmo o “pai” do boxe, como é colocado na maioria das artes marciais. Pudemos identificar figuras que marcaram momentos históricos na esportivização do boxe, observando ainda que algumas dessas figuras, eram apenas admiradores passivos da nobre arte, como o caso do VIII Marquês de Queensberry, e posteriormente a influência da imprensa e da aristocracia em diferentes realidades do mundo – desde Inglaterra até Cuba.

Pode-se dizer que o boxe assumiu diversas configurações em sua história. Na era dos punhos limpos, se tornam evidentes três configurações distintas na época caracterizada pelas lutas por prêmio. A primeira caracterizava-se por uma prática na qual o grau de violência e emprego da força física eram altos, sendo o pugilismo uma das modalidades das lutas por prêmio – as quais envolviam várias etapas: duelos com adaga, bastão, espada e porrete.

Ainda na prática à punhos limpos, a segunda configuração assumida surge em 1743 com Jack Broughton, um dos primeiros lutadores a dedicar-se exclusivamente ao pugilismo e a desenvolver as primeiras regras escritas. A partir de então, lutas por prêmios com uma única etapa – combates com o uso apenas dos punhos - começaram a difundir-se pela Grã-Bretanha. Nessa mesma fase, a prática tornou-se mais sensível ao grau de violência, com a

proibição de golpear o adversário caído entre outras demarca a segunda configuração desta “era”.

Ainda na era dos punhos limpos, o boxe assume sua terceira configuração, caracterizada pelo desenvolvimento das regras de Londres (*London Prize Ring Rules*) que visavam atenuá-lo como um meio rentável e patrimônio da elite através da exploração dos lutadores, corrupção do pugilismo e distinção de classes. Em todas estas configurações, ou seja, na era dos punhos limpos, não havia a divisão da luta por tempo não havendo descanso e nem a divisão em categorias de peso entre os lutadores.

No período da prática com luvas, após a instituição das regras do Marquês de Queensberry, adotadas com resistência pelos lutadores por prêmio (profissionais), se inicia a configuração amadora do boxe na Inglaterra em 1867 com a organização do primeiro campeonato amador com os fatos históricos da divisão da luta em assaltos (três minutos por um de descanso) e a divisão dos lutadores por categorias de peso: leve, médio e pesado, dando então início ao processo de igualdade formal entre os participantes.

Esta última configuração do boxe como esporte – ainda em elaboração - se dá com a intensificação do processo de esportivização, com a organização da vertente amadora e no âmbito capitalista há o crescimento da comercialização e expansão do boxe profissional.

Na configuração amadora da modalidade, as categorias infantil, cadete e juvenil estão em constante crescimento e elaboração no que diz respeito às regras e à organização de competições em todo o mundo. O papel de Cuba no desenvolvimento do boxe amador observou-se relevante, uma vez que este país erradicou a prática profissional, dando ao boxe e ao esporte nacional um caráter diferente de outros países, desvinculando-o de um meio rentável e de distinção de classes.

Atualmente, mudanças no boxe amador estão em discussão em todo o mundo, sendo que o tempo de duração do round amador passou de 2 para 3 minutos no ano de 2009 – igualado ao profissional. A discussão para eliminar o uso do capacete também é corrente, assim como para aumentar o número de rounds no amadorismo – mudanças que tornariam o esporte amador muito semelhante ao profissional.

Porém, um dos fatos mais significativos talvez seja a participação feminina nas Olimpíadas, a partir de 2012, em Londres, pela primeira vez na história da modalidade nas olimpíadas, uma vez que até então é a única modalidade olímpica sem a representação das mulheres.

Ao que nos parece após estas análises, o processo no qual se encontra o boxe na atualidade, em que pese estar em constante mudança e elaboração, acompanhando as transformações da sociedade e seus valores, responde de forma bastante pertinente aos problemas colocados pelos principais autores do enfoque por nós adotados.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, F. **O processo civilizador do esporte.** Entrevistador: A. Schwartz. São Paulo: Folha se S. Paulo, 8 ago 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. Disponível em <<http://www.cbboxe.com.br>>. Acesso em: 21 mar. 2009.

DOMÍNGUEZ, J.; LLANO, J. L. **La preparación básica de los boxeadores.** Havana: Ministério de Cultura, 1987.

DUNNING, E. **A política e a história,** São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización,** Madrid: Fondo de Cultura, 1991.

ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Editora Encyclopedia Britannica, 1968

ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1988.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO. Disponível em <<http://www.boxergs.com.br>>. Acesso em: 18 mar. 2009.

GEBARA, A. Norbert Elias e a Teoria do Processo Civilizador: A contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, H. T. (org.) **Temas sobre Lazer.** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GONZÁLEZ, G.; ORDAZ, L.; CABRERA, G. **El Deporte Cubano**. La Habana: Enpes, 1991.

HALBERT, C. **The Ultimate Boxer**. Tennessee: ISI Publishing, 2003.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. **X Simpósio Internacional: Processo Civilizador**. Campinas, abr. 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

PETTAVINO, P. J.; PYE, G. **Sport in Cuba**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press: 1994.

YALOURIS, N. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**, São Paulo: Odysseus, 2004.